

Moacyr Scliar em busca de Shakespeare: uma leitura da crônica “O Mercador de Veneza”

Isabelle Monique Freitas da Silva¹

Orientadora: Ana Érica Reis da Silva Kühn.

RESUMO: Conceituado como um dos mais importantes e prestigiados escritores contemporâneos brasileiros, Moacyr Scliar foi escritor, professor universitário e médico, que escreveu ao longo de sua vida romances, crônicas e contos. Filho de refugiados da Bessarábia, cresceu na cidade de Porto Alegre no bairro judaico Bom Fim, e o contato diário com imigrantes judeus deu ao escritor conhecimento das perseguições étnicas e políticas sofridas pelo povo judaico no decorrer dos séculos. É em decorrência dessas narrativas que Scliar elabora crônicas relacionadas ao judaísmo e às migrações. O autor também é um exímio conhecedor de cinema, principalmente de películas que tratam de temas sobre as perseguições ao povo hebreu. Este artigo tem como objetivo analisar a crônica “O Mercador de Veneza”, publicada no livro *A nossa frágil condição humana* (2017). Nesta crônica judaica, Scliar irá comentar sobre o filme homônimo do diretor Michael Radford (2004), adaptado da peça de mesmo nome de William Shakespeare, refletindo sobre a presença ou não do antissemitismo na peça shakespeariana. Nossas reflexões estarão ancoradas nas pesquisas de Berta Waldman; Kenia Pereira; Barbara Heliadora; Jean Delumeau, dentre outros.

PALAVRAS- CHAVE: Moacyr Scliar; Crônica; Mercador de Veneza; Antissemitismo.

ABSTRACT: Regarded as one of the most important and prestigious contemporary Brazilian writers, Moacyr Scliar was writer, university professor and doctor who wrote novels, chronicles and short stories throughout his life. The son of refugees from Bessarabia, he grew up in the city of Porto Alegre in the Jewish neighborhood of Bom Fim, and daily contact with Jewish immigrants gave the writer knowledge of the ethnic and political persecution suffered by the hebrew people over the centuries. It was as a result of these narratives that Scliar wrote chronicles related to judaism and migration. The author is also an excellent connoisseur of cinema, especially the films that deal with the persecution of the hebrew people. This article therefore aims to analyze the chronicle “The Merchant of Venice”, published in the book *Our fragile human condition* (2017). In this jewish chronicle, Scliar comments on the film of the same name by director Michael Radford (2004), adapted from the play of the same name by William Shakespeare, thus reflecting on the presence or not of antisemitism in the shakespearian play.

¹ Graduanda no curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia – MG – Brasil. 38408-100 – isabelle.silva@ufu.br.

KEYWORDS: Moacyr Scliar; Chronicles, The Merchant of Venice; Antisemitism.

Nascido no ano de 1937, o escritor, professor universitário e médico, Moacyr Scliar, cresceu em um bairro brasileiro hebraico denominado Bom Fim, na cidade de Porto Alegre. Seus pais, imigrantes fugidos da Bessarábia, refugiaram-se no Brasil tentando escapar dos *pogroms*².

Moacyr Scliar, por crescer rodeado de refugiados, começou muito cedo a narrar histórias vivenciadas nesse bairro judaico. O contato direto com estrangeiros deu ao futuro escritor domínio de histórias do continente europeu, como, por exemplo, as perseguições étnicas e políticas que o povo judaico sofreu durante diferentes séculos. Por meio dessas narrativas, ele relata em seus livros temas relacionados ao povo hebreu e às migrações forçadas que os judeus enfrentaram.

Scliar é considerado um dos mais importantes escritores contemporâneos brasileiros, sendo reconhecido em vida com grandes prêmios, entre eles: três Prêmios Jabutis (1988, 1993 e 2000) e o cobiçado Casa de Las Américas (1989). Tornou-se membro da Academia Brasileira de Letras, no ano de 2003, ocupando a cadeira de número 31. Por ser um autor versátil, ao longo de sua trajetória, escreveu romances, crônicas e contos, conseguindo agradar tanto leitores mais sofisticados quanto o público médio. Entre suas obras mais conhecidas, podemos citar *O Centauro no Jardim* (2004), *A mulher que escreveu a Bíblia* (2000) e *O Ciclo das Águas* (1975).

Para a estudiosa Berta Waldman, na obra *Entre passos e rastros* (2003), uma das maiores características estilísticas do autor são as marcas de dupla identidade, já que ele carrega em sua história tanto as origens russo-judaicas quanto de gaúcho e brasileiro. Waldman (2003, p. 103) destaca outro traço muito importante de Scliar: “o fato de ser ele um dos raros escritores a tematizar o fenômeno da imigração judaica no país, particularmente no Rio Grande do Sul”. Além disso, o humor também é parte integrante de suas obras e, para Gilda Salem Szklo (1990, p. 60), esta particularidade se faz presente em “decorrência do conceito de estrangeiro ou de uma posição equivalente do homem, de inadaptação ao meio”, uma vez que os seus personagens, em situação de conflito, utilizam a comicidade como meio de driblar a incerteza.

Diante das incontáveis narrativas escritas por Scliar, decidimos focalizar com mais densidade, neste artigo, nas crônicas escritas pelo autor. Ele começou sua carreira neste gênero

² “*Pogrom* é uma palavra russa que significa ‘causar estragos, destruir violentamente’. Historicamente, o termo refere-se aos violentos ataques físicos da população em geral contra os judeus, tanto no império russo como em outros países” (Enciclopédia do Holocausto, 2024, *online*).

literário, aos trinta e sete anos de idade, escrevendo primeiramente para o jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, e mais adiante para a *Folha de São Paulo*, publicando semanalmente às segundas-feiras, de 1990 até a data de seu falecimento, em fevereiro de 2011.

Após sua morte, as editoras reuniram em doze livros os melhores textos de seus 30 anos de cronista. E escolhemos, para este trabalho, analisar o livro dele organizado por Regina Zilberman, *A nossa frágil condição humana*, publicado em 2017, mais propriamente a crônica denominada “O Mercador de Veneza” (2017, p. 177-179).

De acordo com o próprio Scliar, no texto “A crônica hoje” (s.d.)³, a crônica é “um gênero literário eminentemente brasileiro”, que necessita de espaço nos jornais, porque ela é um alívio em meio a notícias trágicas; e, “nas mãos de grandes cronistas, deu verdadeiras obras-primas. A crônica, com seu característico de mensagem pessoal, humaniza o veículo, alegra e comove o leitor” (Scliar, s.d., *online*).

Segundo o crítico literário Antonio Candido (2003), em seu texto “A vida ao rés do chão”, “a crônica é uma retratação de seu tempo, uma vez que nos relata, por meio de uma linguagem clara e acessível, um momento histórico vivido” (*apud* Silva, 2023, p. 3). Conforme Eduardo Portella (1985), o gênero, “em seu compasso, ritmo e poesia seria o próprio fazer literário. A crônica invadiu ou foi invadida pela poesia” (*apud* Silva, 2023, p. 3). E, para Moema Olival (2002, p. 47), o cronista consegue capturar “a essência do instante, filtrando-a conforme sua óptica crítica, emocional, filosófica, cultural e expressando-a literariamente”.

Por ser um gênero híbrido, mesclando informação e literatura, a crônica contribui, liricamente, para reflexões filosóficas. É elaborada em primeira pessoa e se assemelha a um diálogo com o leitor. Essas características composicionais se fazem presentes na coletânea *A nossa frágil condição humana* (2017), de Moacyr Scliar, publicada pela editora Companhia das Letras. Nas crônicas judaicas reunidas neste livro, o autor noticia sobre conflitos políticos em Israel, tece reflexões acerca do Holocausto e da Inquisição, além de trazer informações sobre a literatura judaica e sobre cinema.

Essa coletânea, organizada por Regina Zilberman, possui 68 crônicas com temáticas culturais e históricas do povo hebreu. No livro, observamos assuntos desde o Santo Ofício e perseguições aos cristãos-novos, como se lê em “A inquisição revisitada”, “Equívocos e acertos encravados no Brasil”, como temas que envolvem o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial, presentes nas crônicas “A nostalgia de Hitler”, “Holocausto e literatura”, além de assuntos que tratam das complicadas políticas ao redor do Estado de Israel, como em “O difícil jogo do

³ Disponível em seu *site* oficial: <http://www.moacyrscliar.com/textos/a-cronica-hoje/>. Acesso em: 23 abr. 2024.

O Oriente Médio” e “Em busca da Terra Prometida”. Assim, como descreve a pesquisadora Kênia Maria de Almeida Pereira (2018), é possível dividirmos tais crônicas em “três grupos”:

O primeiro deles seria a literatura hebraica, na qual Scliar nos apresenta textos poéticos que mencionam de Kafka à *Bíblia*, como, por exemplo, as crônicas intituladas “O Judaísmo em Kafka” e “Do Éden ao divã: o humor judaico”. Já no segundo grupo, Scliar destaca a questão do antissemitismo, com textos polêmicos que fazem alusão ora ao Führer, como na crônica “A nostalgia de Hitler”, ora ao Santo Ofício, como se pode ver em “A inquisição revisitada”. O terceiro grupo, por sua vez, traz para o centro do debate temas mais políticos, que envolvem desde a Segunda Guerra Mundial, passando pelo Holocausto, até as relações conturbadas entre Israel e os países árabes, como se pode ler em “Oriente Médio: linhas e entrelinhas” e “Israel, sessenta anos”. (Pereira, 2018, p. 01)

Pelo fato de o livro apresentar diferentes temáticas, este artigo irá focar nas crônicas em que Scliar (2017) escreve sobre o cinema e as narrativas cinematográficas, cujo enredo retrata temas judaicos. Na obra, é possível encontrar 7 crônicas que citam e refletem sobre alguns longas-metragens a que o autor assistiu em salas brasileiras de cinema. São elas: “Holocausto e literatura”, “O aprendizado de Lenny Kravitz”, “Controvérsia viva”, “Em busca da tolerância”, “Valsa triste”, “Mensagem de Esperança” e “O Mercador de Veneza”. A propósito, a última é a que nos interessa analisar com mais propriedade neste trabalho.

A primeira crônica em que o autor irá explorar o cinema é denominada “Holocausto e literatura”. Nela, Scliar expõe sobre o tema *Shoah*, afirmando que é amplamente propagado em livros e narrativas cinematográficas ao longo dos anos. O cronista cita diversos filmes que retratam um dos piores momentos historiográficos, como *A vida é bela* (1997), de Roberto Benigni, *A lista de Schindler* (1993), de Steven Spielberg e o documentário *Shoah* (O Holocausto) (1985), do diretor francês Claude Lanzmann. Após uma breve discussão, Scliar conclui que o Holocausto precisa ser denunciado, para que não repitamos os erros do passado.

“O aprendizado de Lenny Kravitz” é uma crônica em que o autor irá refletir sobre um livro que posteriormente foi adaptado para o cinema, cujo título do filme é *O Grande Vigarista* (1974), dirigido por Ted Kotcheff. Esta película conta a história de Mordecai Richler, um descendente de imigrantes, que vive em uma sociedade competitiva e está em busca do seu lugar no mundo. O cronista compara a vida do protagonista com a vida de Lenny Kravitz, filho de um judeu americano e uma caribenha negra, e descreve que há uma “miscigenação peculiar”. Essa representa dois grupos sociais marcados pelo sofrimento e por perseguições no decorrer da historiografia oficial.

Em “Controvérsia viva”, o autor irá discorrer sobre três películas que narram os conflitos no Oriente Médio. A primeira é denominada *Munique* (2005), dirigida por Steven

Spielberg, e mostra terroristas invadindo o alojamento de atletas olímpicos, sequestrando e matando jogadores de origem judaica. A segunda película comentada pelo cronista é *Free Zone* (2005), de Amos Gitai, e nesta narrativa cinematográfica há três mulheres, uma norte-americana, uma israelense e uma palestina, que se encontram na Zona Livre, na Jordânia. De acordo com Scliar, o diálogo entre as três mulheres é revelador do clima emocional do Oriente Médio. E o último filme citado é *Paradise Now* (2005), de Hany Abu-Assad, narrativa pela qual acompanhamos os dois últimos dias de dois palestinos recrutados para serem homens-bomba em Tel Aviv. Scliar finaliza sua crônica destacando que é possível aprender com o cinema, assim como com a vida real.

Na crônica “Em busca de tolerância”, o autor discorrerá sobre a narrativa cinematográfica *Um herói do nosso tempo* (2006), do diretor romeno Radu Mihaileanu. Scliar elogia a película, pois é por meio desta narrativa cinematográfica que o telespectador obtém conhecimento sobre os “*falashas*”, os judeus negros e africanos. Para o autor, somente a alusão à presença dos *falashas* já justificaria a existência da película: “Salomão saltaria da cama para aplaudir de pé. E a rainha de Sabá, então, nem se fala” (Scliar, 2017, p. 187).

Em “Valsa triste”, o cronista discutirá sobre o filme denominado *Valsa com Bashir* (2008), do diretor Ari Folman, que relata sobre a guerra no Líbano:

Moacyr irá comentar o fato desta película ser israelense, com personagens israelenses e com financiamento vindo de Israel e como isso é impressionante, uma vez que são judeus narrando a guerra no país vizinho. Por fim, o autor irá finalizar sua crônica, dizendo que no dia 19 de abril de 2009 completou-se cem anos do levante do Gueto de Varsóvia, sendo o Holocausto uma das “bases” fundadoras do Estado de Israel, e que filmes como *Valsa com Bashir*, apesar da dura lição, é um símbolo de esperança para o povo israelense, pois com a democracia é possível debater sobre erros do passado e suas correções. (Silva, 2023, p. 6)

Já na crônica “Mensagem de esperança”, Scliar escreve sobre o filme *O pianista* (2002), do diretor Roman Polanski, que aliás foi tema da minha Iniciação Científica (SILVA, 2023), no Programa de Educação Tutorial dos cursos de Letras, no período de 2021 a 2022. Scliar reflete sobre a mensagem de esperança presente no final da película, demonstrado que a arte, por um momento, venceu o fuzil:

Mesmo durante os momentos mais sombrios da guerra, a arte de Szpilman o manteve vivo, desde quando ele precisava ganhar dinheiro no gueto até o encontro com um inimigo, a arte foi o seu grito de liberdade. O oficial nazista ficou extasiado com as notas perfeitas que Szpilman tirou do piano com suas mãos mágicas. Esse é, sem dúvida, um dos momentos mais emocionantes da narrativa. Por um instante, o piano venceu o fuzil, a música venceu a guerra. O filme é cheio de esperança e poesia. (Silva, 2023, p. 9)

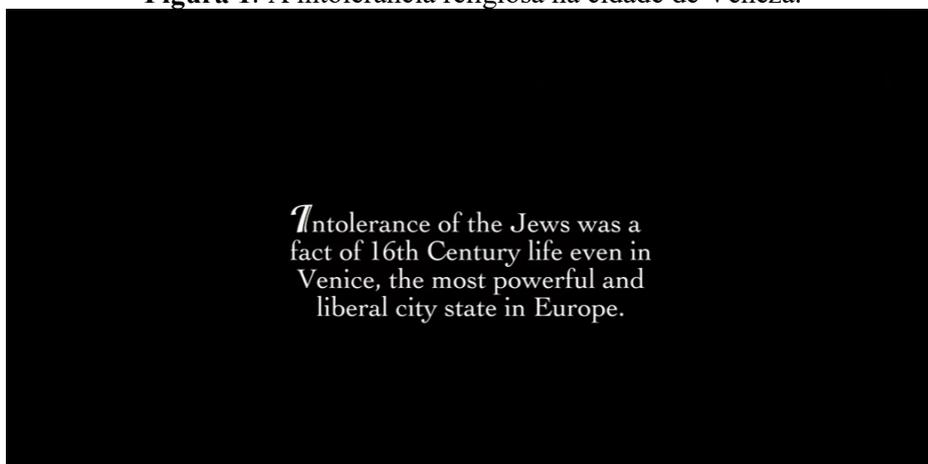
Por fim, a última crônica da coletânea em que Scliar comenta sobre narrativas cinematográficas é denominada “O Mercador de Veneza” (2017), na qual discute sobre o filme *O Mercador de Veneza* (2004), do diretor Michael Radford. A obra cinematográfica é baseada na peça dramática homônima do escritor inglês William Shakespeare e, em sua crônica, Scliar (2017) questiona de forma contundente se a peça shakespeariana seria ou não antissemita.

Na película, primeiramente, nos deparamos com a história de Bassanio (interpretado por Joseph Fiennes), que recorre ao mercador Antonio (Jeremy Irons) em busca de dinheiro para cortejar a herdeira Portia (Lynn Collins). Com dificuldades financeiras, por suas embarcações estarem emperradas em alto mar, o mercador encontra uma solução: seria o fiador do empréstimo que o judeu Shylock (Al Pacino) faria ao jovem Bassanio.

Como garantia do pagamento, o judeu, que foi muitas vezes humilhado em decorrência da intolerância religiosa praticada por Antonio, aceita o empréstimo com a condição de que, se o mercador não o pagasse, teria como garantia uma libra de sua própria carne. Antonio é favorável ao acordo e Bassanio consegue casar-se com Portia. Porém, após o casamento, o cristão (Antonio) descobre que seu capital foi naufragado, não tendo, portanto, como pagar sua dívida a Shylock. O caso vai ao júri e Antonio é salvo por Portia, que apresenta como argumento que o judeu poderia cortar uma libra de carne do cristão, mas sem derramar uma gota de sangue do mercador, visto que essa ação era proibida ao povo hebreu. E esse argumento fez com que o credor fosse derrotado.

Dirigido pelo famoso diretor Michael Radford e ganhador de um Prêmio BAFTA de melhor figurino, *O Mercador de Veneza* (2004) logo em seu início mostra, em legendas (ver figura 1), a intolerância religiosa que ocorria aos judeus em 1596, na cidade de Veneza, considerada uma das mais liberais províncias europeias.

Figura 1: A intolerância religiosa na cidade de Veneza.



Fonte: *O mercador de Veneza*, 2004, 00:02:31.

Nessa película, Shylock é deslocado para a posição de protagonista, sendo interpretado por Al Pacino como um homem sóbrio e regrado, trabalhando da maneira que consegue em uma Veneza hostil, sombria, nublada, já que o sol não é um astro presente ao longo da narrativa. O judeu apresenta uma voz rouca e cansada, expondo aos telespectadores um personagem abatido, que raramente olha seu interlocutor nos olhos, demonstrando submissão, como podemos perceber na seguinte cena (ver figura 2) retirada da película:

Figura 2: Shylock e sua submissão.



Fonte: *O mercador de Veneza*, 2004, 00:56:14.

Nesta imagem, observamos um Shylock chorando de tristeza pelo desaparecimento de sua filha, com os valiosos brincos de diamantes, e essa tensão contrasta com a coloração da cena. Notamos uma cena acinzentada, sem a presença da luz, transmitindo a seriedade necessária para este momento.

Shylock aparece na narrativa cinematográfica como um homem religioso e devoto, despontando em várias cenas cumprindo os ritos de sua fé judaica e seguindo a alimentação *Kosher*⁴. Um símbolo presente em toda a narrativa é a simbologia do sangue e, em determinada passagem, o judeu sacrifica, de acordo com as regras judaicas, um cordeiro. Dessa maneira, a gota de sangue que escorre do abate do animal nos lembra o vermelho da cera utilizada para selar o acordo de Shylock e Antonio, bem como o sangramento que simboliza a derrota do cristão. Além disso, a simbologia do sangue pode relembrar tanto a Inquisição como o Holocausto, que derramaram milhares de sangues judaicos. Na Inquisição, por exemplo, segundo Anita Novinsky no livro denominado *A Inquisição* (1982), somente na região

⁴ Para a tradição judaica, a alimentação *Kosher* seria uma alimentação mais “pura”, tanto espiritualmente quanto fisicamente. Essa alimentação segue as regras descritas nos livros da *Torá*.

espanhola, no período de 1480 a 1808, foram queimados 31.912 hereges. Já segundo Eric Hobsbawm, na obra *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991* (1995), no Holocausto cerca de 6 milhões de judeus foram exterminados.

Shylock presencia, nas primeiras cenas da narrativa cinematográfica, um hebreu sendo atirado do alto de uma ponte e acusado de praticar usura pelos cristãos, conforme podemos observar na cena a seguir (ver figura 3):

Figura 3: Judeus acusados de usura.



Fonte: *O mercador de Veneza*, 2004, 00:04:05.

Os judeus eram vetados de possuírem propriedades e praticavam a usura, emprestando dinheiro aos cristãos, dado que essa prática era contra a lei cristã. Para a aristocracia da cidade de Veneza, essa prática dos judeus não importava, mas, para os cristãos fanáticos que já odiavam o povo hebreu, era motivo para expor todo seu preconceito e toda sua intolerância.

No livro *História do medo no Ocidente* (1993), Jean Delumeau expõe dois motivos que fomentaram o antijudaísmo, o primeiro é a acusação de usura e o segundo é a crença de que o povo hebreu seria um grupo sem Deus e também deicida:

Dois motivos de queixa principais alimentaram o antijudaísmo de outrora: a acusação de usura, vinda do povo miúdo e dos meios comerciantes, e a de deicídio, inventada e incansavelmente repetida pelos meios de Igreja, que admitiram como uma evidência a responsabilidade coletiva do povo que crucificara Jesus. (Delumeau, 1993, p. 292)

Levando em consideração o período histórico que o filme *O Mercador de Veneza* e a peça shakespeariana homônima retratam, assim como as normas impostas pela Igreja Católica, podemos considerar que a usura (o empréstimo de dinheiro) era condenada(o) pela Igreja e uma prática interdita aos cristãos.

No fim do século XVI, cidades italianas proibiam o empréstimo de dinheiro com cobrança de juros, satisfazendo à imposição da Igreja; o dinheiro era tido como estéril e incapaz de gerar recompensas, e essa instituição religiosa provavelmente temia que o sistema feudal, ainda vigente na época, fosse substituído (Galery, 2016). Contudo, a atividade comercial da cidade de Veneza não conseguia ser refreada, necessitando de um sistema de crédito, e o povo hebreu foi o responsável por suprir essa necessidade. Sobre os judeus que emprestavam a juro, nas palavras da pesquisadora Maria Clara Galery (2016),

No final do século dezesseis, quando cidades italianas proibiram o empréstimo de dinheiro com cobrança de juros para satisfazer às exigências da igreja, a enorme atividade comercial de centros como Veneza já não podia ser contida e necessitava de um sistema de crédito que viabilizasse grandes empreendimentos, como o comércio de mercadorias exóticas trazidas de além-mar, que alimentavam o desenvolvimento e a riqueza da cidade. Coube, então, aos judeus, malditos e confinados em guetos, o papel de usurários. Assim, apesar de condenada pela igreja, a prática de cobrar juros por empréstimos era tolerada desde que fosse executada por judeus. (Galery, 2016, p. 166)

A pesquisadora também esclarece que o povo hebreu vivia sob regras bem rígidas. Na vivência deles em guetos, após o anoitecer, eram trancados pelos cristãos, não podendo mais circular depois das 18:00 pelas ruas e vielas da Itália. No entanto, caso fosse extremamente importante sair do gueto, os judeus deveriam utilizar chapéu vermelho para serem identificados como tal.

Esse figurino se faz presente durante toda a película *O Mercador de Veneza* (2004), como percebemos anteriormente (rever figura 3) e podemos notar na seguinte cena retirada da obra cinematográfica (ver figura 4):

Figura 4: Chapéu vermelho para identificar o povo hebreu.



Fonte: *O mercador de Veneza*, 2004, 00:03:53.

Dessa forma, a narrativa reforça o quanto os judeus eram extremamente maltratados, afetando tanto sua vida pessoal quanto sua vida social cotidiana. Em determinado momento do filme, Shylock expõe a situação dos judeus, que já eram humilhados por suas crenças, e esse judeu reafirma que o povo hebreu não era tratado como seres humanos pelos cristãos. Mesmo sendo iguais, os pesos e as medidas eram feitos de maneiras diferentes: o desejo de vingança dos cristãos era perdoado, diferentemente dos judeus, que eram condenados.

Essa situação também é retratada por Scliar em sua crônica “O Mercador de Veneza” (2017). A fala de Shylock – “Sou judeu e sou humano” – revela por que o judeu quer a carne do mercador, por vingança, pois não consegue respeito do cristão. Para Scliar, o sangue de Antonio é importante para o judeu, visto que é através do sangue que Shylock deseja que o cristão veja que o grupo hebraico, assim como ele, também sangra.

Ao final de sua crônica, Scliar (2017) faz um questionamento: se a peça shakespeariana seria antissemita? Ele entende que, Shakespeare, ao conceber um fim em que o hebreu perde tudo o que possuía, com sua filha judia fugindo juntamente com um cristão com a fortuna do pai, dá à sua audiência/plateia um “final feliz” castigando o usurário. O que leva a crer que ressoam ecos antissemitas na peça shakespeariana. Segundo Scliar, o público de teatro da época esperava por este desfecho, o castigo de Shylock, tendo a peça, portanto, uma conotação antissemita. Pensamos, então, que essa atitude criativa de Shakespeare é ambígua, uma vez que, mesmo que o dramaturgo não fosse antissemita, ele tinha que agradar seu público antijudaico.

Logo, o teatro e a literatura renascentistas foram um importante meio de disseminação de um imaginário contra os judeus, sendo possível observar nessas manifestações artísticas alguns elementos do fenômeno do antissemitismo, que seria perpetuado no decorrer dos séculos. Como esclarecem os pesquisadores César Luiz Costa Junior e Luciane Gressana (2011), o teatro elisabetano⁵ foi um dos principais fatores para a construção de uma imagem estereotipada do povo hebreu.

Publicada pela primeira vez em 1600, a peça teatral *O Mercador de Veneza* foi definida como uma comédia, já que eram entendidas como tragédia somente obras que acabavam na morte do protagonista. De acordo com Barbara Heliadora (2009), a criação da peça parece refletir a onda de antissemitismo que ocorreu em Londres entre 1593 a 1594. Na capital, um judeu português, Rodrigo Lopez, havia atingido o topo de sua profissão: tornou-se médico pessoal da rainha Elizabeth I, mas acabou se envolvendo em uma briga política em torno de Portugal e foi acusado de conspirar para o assassinato da rainha. Atualmente, é de conhecimento

⁵ Foi um estilo de teatro produzido na Inglaterra entre 1558 e 1603, durante o reinado de Elizabeth I.

geral que a acusação feita a esse judeu português foi forjada; porém, na época, Lopez foi a júri e depois enforcado (em junho de 1594).

Uma onda de antissemitismo varreu não só a capital Londres, mas toda a Inglaterra, sendo o teatro, como já apontamos, um dos meios de disseminação dessa ideologia. É neste viés que, em 1590, foi publicada pelo inglês Christopher Marlowe uma peça intitulada *O judeu de Malta*. Nesta peça, o hebreu Barrabás é narrado como um vilão perfeito: malvado e sem escrúpulos. Todavia, como pontua Heliadora (2009, p. 29), Marlowe era diferente de Shakespeare e, “[...] Quando Shakespeare completou a peça, que poderia ser resultado de atender tal pedido, o clima era outro, e Shylock, apesar de manter fortes características condenáveis, é um ser humano que sofre e tem motivações compreensíveis”.

Assim sendo, Shakespeare apresenta aos leitores que o conflito diante do judaísmo e de Shylock está além dos personagens cristãos, está também em sua filha, Jessica. Segundo a pesquisadora Ana Caroline de Barros Domingos (2020), essa personagem seria o estereótipo de uma pessoa ordinária e mesquinha, já que rouba e exhibe um descontentamento com seu pai, por não possuir laços afetivos em sua casa. Ademais, combina com o cristão Lancelot sua fuga com as joias de seu genitor – personagem que revela preferir recuperar suas joias à sua filha – e ela se converte ao catolicismo para se casar.

Em determinado momento da narrativa, Jessica relata ter vergonha de seu pai: “Ai, que pecado odioso cometo tendo vergonha de ser filha de meu pai! Mas, embora seja filha dele pelo sangue, não o sou pelo caráter” (Shakespeare, 2013, p. 58). Com posicionamentos como esses, através de seus personagens, podemos dizer que Shakespeare alimenta os aristocratas com os estereótipos designados aos judeus: pessoas mesquinhas, que possuem mais interesse no dinheiro do que em sua família. Conforme Heliadora (2009), as características do Shylock shakespeariano permitiram diferentes interpretações ao papel, que variam de acordo com o mundo real:

É a humanização de Shylock que tem permitido uma tamanha variedade de interpretações a seu papel, que têm mudado de acordo com as alterações do clima no próprio mundo real. O anti-semitismo nazista, por exemplo, catapultou Shylock para o papel de grande patriarca defensor da dignidade de sua raça e sua religião; mas é claro que isso só foi possível em função das falas que o poeta Shakespeare lhe atribuíra ao criar sua obra. (Heliadora, 2009, p. 227)

Durante o antissemitismo nazista retratado no filme *Der Kaufmann von Venedig* (*O Mercador de Veneza*), do diretor Peter Paul Felner, filmado em 1923, Shylock foi utilizado com o objetivo de difundir a ideologia antissemita do Terceiro Reich (Heliadora, 2009).

Segundo Scliar (2017), podemos dividir a peça shakespeariana em duas partes: a primeira em que Shylock aparece como um ser humano atormentado e a segunda como uma conclusão aristocrática (o vilão judeu é derrotado) para o público que frequentava o teatro, público do qual o dramaturgo dependia para viver.

Concluimos este artigo entendendo que a película *O Mercador de Veneza*, assim como descreve Scliar em sua crônica, é de grande relevância, porque é uma adaptação bem-sucedida de uma das peças consideradas canônicas do gênero dramático mundial, *O Mercador de Veneza*, de Shakespeare. O filme serve de referência para a área jurídica, por Pórcia, no momento em que se traja de maneira masculina e vai a júri defender Antonio; e também na área judaica, a que nos é de maior interesse neste trabalho, fazendo-nos refletir sobre o antijudaísmo desde a Idade Média, lembrando que a sociedade cristã do final da Idade Média ajudou a construir o antissemitismo europeu (Le Goff, 1998).

Reforçamos que é perceptível que, buscando aprovação do público, Shakespeare se utilizou de preceitos antissemitas, dando voz a Shylock e derrotando-o no final. Assim, o personagem Shylock prematura as perseguições e os massacres ocorridos com o povo hebreu no século XX, tornando-se um personagem caricato presente no imaginário ocidental. E finalizamos este artigo, assim como Scliar (2017, p. 179) arremata a crônica “O Mercador de Veneza”, ressaltando que Shylock afirma que “dinheiro é importante. Mas há coisas mais importantes, e é isso que Shylock nos diz, enquanto pode falar. Enquanto não é para sempre derrotado”.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: VÁRIOS AUTORES. *Crônicas 5*. São Paulo: Ática, 2003. p. 89-99. (Coleção Para gostar de ler).

COSTA JUNIOR, César Luiz; GRESSANA, Luciane. Shylock e O Mercador de Veneza: os judeus e o antissemitismo na Europa renascentista. *Perspectiva*, Erechim, v. 35, n. 132, p. 55-64, dez. 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/392131567/SHILOCK-E-O-MERCADOR-DE-VENEZA-OS-JUDEUS-E-O-ANTISSEMISMO-NA-EUROPA-RENASCENTISTA1-pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente – 1300-1800: uma cidade sitiada*. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DOMINGOS, Ana Caroline de Barros. *O judeu como mal absoluto: antissemitismo em O Mercador de Veneza*. 2020. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2020. Disponível em: <http://repositorio.unitau.br/jspui/handle/20.500.11874/5272>. Acesso em: 21 jun. 2024.

ENCICLOPÉDIA do Holocausto, 2024. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/>
Acesso em: 21 jun. 2024.

GALERY, Maria Clara Versiani. “I Will Love You Dear”: usura e desejo em *O Mercador de Veneza*. **Revista de Letras**, [S.l.], v. 1, n. 28, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2334>. Acesso em: 22 ago. 2024.

HELIODORA, Barbara. *Falando de Shakespeare*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. *Por Amor às cidades*. Tradução: Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: Unesp, 1998.

NOVINSKY, Anita. *A Inquisição*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

OLIVAL, Moema de Castro e Silva. *O Espaço da Crítica II – A crônica: dimensão literária e implicações dialéticas*. Goiânia: AGEPEL, 2002.

PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. Moacyr Scliar vê o Santo Ofício: reflexões sobre a crônica “A inquisição”. In: *Circulação, tramas e sentidos na literatura*. ABRALIC. 30 jul. a 03 ago. 2018. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547747106.pdf. Acesso em: 8 abr. 2024.

PORTELLA, Eduardo. *Teoria da comunicação literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

SCLIAR, Moacyr. *A nossa frágil condição humana: crônicas judaicas*. Organização: Regina Zilberman. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCLIAR, Moacyr. “A crônica hoje”. Disponível em: <http://www.moacyrscliar.com/textos/a-cronica-hoje/>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SILVA, Isabelle Monique Freitas da. Moacyr Scliar e o cinema de Roman Polanski: uma análise da crônica “Mensagem de Esperança”. *Crátilo*, Patos de Minas, v. 16, n. 2, p. 64-73, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/article/view/4603/3081>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SHAKESPEARE, William. *O Mercador de Veneza*. Tradução: Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2008.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Filmes

A LISTA de Schindler (Schindler’s List). Direção: Steven Spielberg. EUA: Amblin Entertainment, Universal Pictures, 1993. 195 min., son. & color.

A VIDA é bela (La Vita è Bella). Direção: Roberto Benigni. Itália: Paris Filmes, 1997. 116 min., son. & color.

FREE Zone. Direção: Amos Gitai. Bélgica / Israel / França / Espanha, 2005. 90 min., son. & color.

MUNIQUE. Direção: Steven Spielberg. EUA: Amblin Entertainment, 2005. 163 min., son. & color.

O GRANDE Vigarista. Direção: Ted Kotcheff. EUA: International Comedia Center, 1975. 195 min., son. & color.

O MERCADOR de Veneza. Direção: Michael Radford. Produção: Barry Navidi, Cary Brokaw, Michael Cowan e Jason Piette. EUA: Sony Pictures Classics, 2004. 138 min., son. & color.

PARADISE Now. Direção: Hany Abu-Assad. Alemanha / França / Israel / Países Baixos (Holanda) / Palestina, 2005. 90 min., son. & color.

SHOAH (O Holocausto). Direção: Claude Lanzmann. França, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte: Mundial, 1985. 120 min., son. & color.